

ANÁLISE CORRELACIONAL DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O RENDIMENTO ACADÊMICO DE UNIVERSITÁRIOS DA CIDADE DE SALGUEIRO-PE

Camilla Cruz da Silva (Universidade de Pernambuco) camilacruzps@gmail.com
Tatyane Veras de Queiroz Ferreira da Cruz (Universidade de Pernambuco) tatyane.cruz@upe.br
Éverton Crístian Rodrigues de Souza (UNIVASF) everton.souza@univasf.edu.br
Rafaela Torres dos Santos (Universidade de Pernambuco) adm.rafaelatorres@gmail.com
Glauce da Silva Guerra (UNIVASF) glauce.guerra@univasf.edu.br

Resumo

O presente estudo tem por objetivo investigar a relação entre a Inteligência Emocional (IE) e o Rendimento Acadêmico (RA). Foi considerada como IE a habilidade de compreender e controlar as competências emocionais próprias e dos outros. O estudo da relação entre as duas variáveis é importante, pois não se pode estudar as emoções separando-as das pessoas. Logo, torna-se relevante a investigação da influência da IE sobre o RA. O objetivo do estudo é analisar a relação entre as variáveis, e se essa relação é estatisticamente significativa. Para este estudo foram utilizados os métodos de análise fatorial confirmatória, regressão linear e análise correlacional. A amostra foi composta de 164 estudantes das Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade de Salgueiro-PE. Os resultados obtidos mostram que alunos com RA elevado, também possuem IE elevada, mas não foi encontrada relação estatisticamente significativa, indicando a necessidade de estudos mais aprofundados.

Palavras chaves: Inteligência Emocional; Rendimento Acadêmico; Análise Correlacional.

1. Introdução

A inteligência humana tem sido um tema de estudo de crescente interesse desde o século XIX. A princípio acreditava-se que a inteligência humana estava única e exclusivamente relacionada ao Quociente de Inteligência (QI), excluindo toda e qualquer influência emocional. Assim, acreditava-se que o sucesso pertencia àqueles que possuíam um QI mais elevado.

De acordo com Silva *et. al* (2014), tal ideia foi desmitificada com a evolução da ciência, em especial da psicologia, concluindo-se que existiam diferentes fatores a determinar o sucesso de pessoas e organizações, chegando ao QE (Quociente Emocional). Assim, QI deixou de ser considerado o elemento determinante de êxito. A partir dessa conclusão começou-se o desejo de realizar pesquisas para uma maior compreensão do que seria a inteligência humana e como as emoções poderiam interferir no sucesso profissional do indivíduo.

O conceito de Inteligência Emocional (IE) foi introduzido por Mayer e Salovey (1990), e se tornou famoso com a obra “Inteligência Emocional” de Daniel Goleman (1995). Mas, mesmo existindo diversos estudos ainda não há um conceito claro e definido, gerando assim controversas entre a comunidade acadêmica e científica (DE SOUSA, 2010).

Estudar a influência da emoção com o futuro profissional do indivíduo tornou-se um tema interessante. Nessa perspectiva, o presente estudo busca analisar a existência de uma relação entre a inteligência emocional (IE) e o rendimento acadêmico (RA) de estudantes de duas Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade de Salgueiro-PE com o objetivo de concluir se há influência entre as variáveis (IE e RA), bem como se estas poderão afetar o rendimento profissional deste aluno. Feita essa explanação propedêutica, o próximo tópico delineia os procedimentos metodológicos da pesquisa.

2. Metodologia

Quanto à natureza da pesquisa é caracterizada como uma pesquisa aplicada. Quanto ao objetivo, a pesquisa é caracterizada como uma pesquisa correlacional/descritiva, e quanto à abordagem a pesquisa se caracteriza como quantitativa. No que tange aos procedimentos, caracteriza-se como uma pesquisa de levantamento, de acordo com Gil (2006), pois obteve informações diretamente das pessoas cujo comportamento desejava-se conhecer.

O método utilizado para a coleta dos dados foi o questionário, constituído de questões fechadas, de múltipla escolha, e abertas. A primeira parte conteve um teste de inteligência emocional já aplicado e validado por Rego e Fernandes (2005), centrado no modelo misto, para medição do nível de inteligência emocional. A segunda parte foi composta por perguntas socioeconômicas criadas pelos autores da pesquisa.

A coleta dos dados foi feita através do recurso da plataforma *Google forms*, com o intuito de facilitar o recolhimento e tabulação dos dados. Na análise e demonstração dos resultados foi utilizado o programa estatístico *Stata 14*, do qual utilizou-se os *outputs* para confecção de tabelas e dos meios para descrição e exposição dos resultados da análise quantitativa.

3. Referencial teórico

3.1. Inteligência Humana e a Emoção

A inteligência humana tem sido recorrida e extensivamente abordada desde o século XIX. Mas, mesmo existindo diversos estudos ainda não há consenso, persistindo as controversas (DE SOUSA, 2010). Segundo Afonso (2007), inteligência humana se fundamenta em múltiplas concepções implícitas, as quais unem contextos culturais, valores importantes na sociedade e momentos históricos.

Já os autores Woyciekoski e Hutz (2008) expõem a existência de duas correntes teóricas, a primeira define inteligência como uma capacidade de compreensão e raciocínio, enquanto a segunda descreve-a como um envolvimento de capacidades mentais relativamente

independentes. Charles Sperman (1904) citou a existência de um fator geral de inteligência, o chamado “*Fator g*”, o qual permearia o rendimento em todas as tarefas do intelecto, para ele o *g* era um fator central e superior a todas as outras medidas de inteligência.

Thorndike (1936) com uma das primeiras tentativas de ampliar o conceito de inteligência para algo mais do que as capacidades intelectuais gerais, propôs o conceito de Inteligência Social (IS). Tendo em vista o conhecimento da capacidade de perceber os estados emocionais próprios e dos outros, motivos e comportamentos, e a capacidade de agir tendo como base as informações de forma excelente.

Stenberg (1997) questionou se os seres humanos são essencialmente sociais; e que a ausência das habilidades sociais poderia resultar em uma limitação importante na capacidade de se adaptar socialmente positiva (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2008). Começou-se a partir das ideias de Stenberg (1997) e Thorndike (1936), o estudo sobre a relação da dependência humana ao social, em outras palavras, a sua interdependência com as emoções.

A Inteligência Emocional (IE) caracteriza-se por um campo de estudo recente, que traz a proposta de ampliar o antigo conceito do que é ser inteligente, atrelando a esse conceito, aspectos relacionados à emoção e sentimentos (WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2008). É evidente a relação da inteligência com a emoção, não existe ser humano sem competências emocionais (emoções), e estudar a inteligência humana sem considerar as emoções torna-se uma falha.

Assim surgiu à necessidade de estudar a influência das emoções no âmbito social, profissional, educacional, e em diversas áreas da vida do ser humano. Foram considerados neste trabalho os âmbitos profissionais e educacionais. Dentre os modelos de análise da IE disponíveis, aqui é considerado apenas o modelo de competências, por bem da objetividade e atendimento às restrições de tamanho do artigo proposto pelo evento.

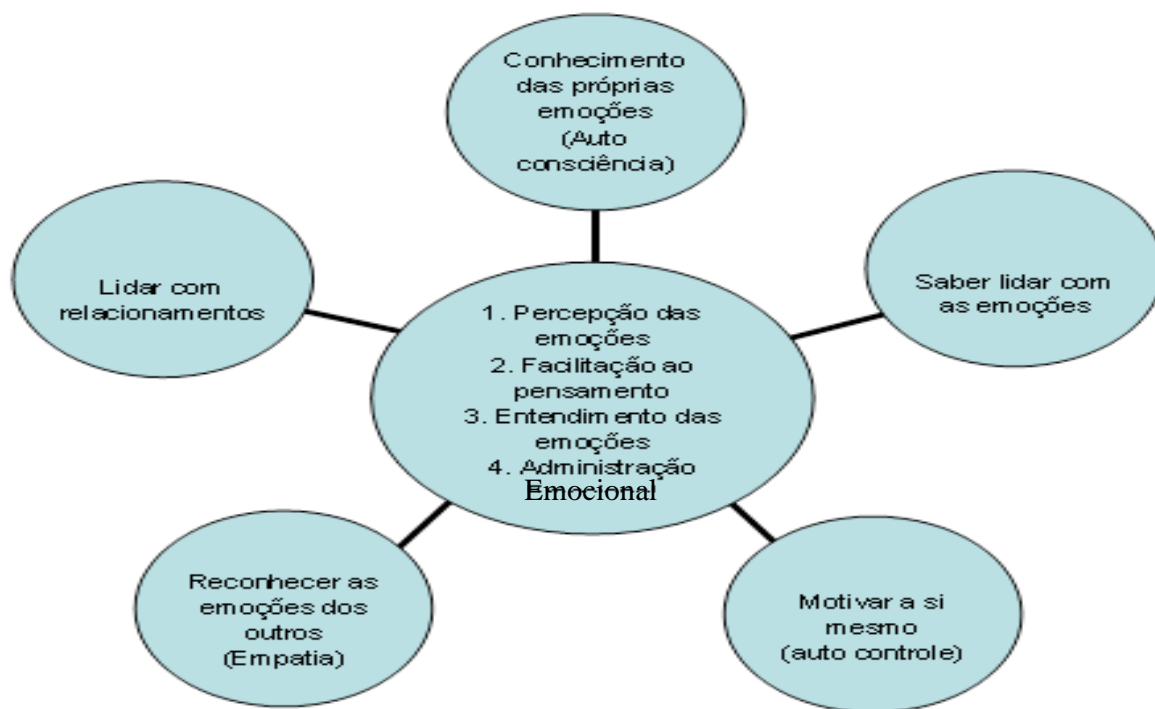
3.2 Modelo de competências (aptidões) e Relação entre IE e RA

O modelo de competências (proposto por Mayer e Salovey) representa o modelo mais importante da IE, os autores defendem que a IE é uma inteligência tradicional rica por uma combinação de emoções e processos cognitivos (DE SOUZA, 2010), dada sua capacidade de adaptar-se a diferentes situações.

Salovey e Mayer (1997) dividiram a IE em cinco blocos anteriormente, e em uma nova atualização do conceito identificaram quatro habilidades, “percepção das emoções, facilitação ao pensamento, entendimento do conteúdo emocional e administração emocional para

promover o crescimento pessoal”, conforme apresentado por Gonzaga e Monteiro (2011. p. 225), sendo representada a sua relação na Figura 1.

Figura 1 - Ilustração das categorias da IE de Mayer e Salovey (1997)



Fonte: Criado pelos autores, baseado em Gonzaga e Monteiro (2011)

Para os autores, a percepção das emoções envolve guardar, acrescentar, decodificar mensagens emocionais presentes em expressões faciais, tom de voz, ou artefatos culturais. Assim pode-se definir percepção emocional como a capacidade de percepção e identificação das próprias emoções de forma precisa.

A facilitação ao pensamento é definida pelos autores como a habilidade da IE que focaliza a forma como as emoções afetam o sistema cognitivo, podendo ser aproveitada na resolução de problemas, raciocínio, tomada de decisões, e esforços criativos. A habilidade de entender o conteúdo emocional é explanada pelos autores como a competência mais fundamental, pois corresponde à capacidade de classificar emoções através de palavras e de distinguir as relações entre exemplos do vocabulário afetivo. Ou seja, é a habilidade de avaliar a observação das emoções dos outros, exigindo relações complexas entre emoções como classificação e verbalização.

Segundo De Sousa (2010), o estudo da relação entre IE e DA é um tema que tem gerado bastante interesse nos estudiosos atualmente, principalmente na verificação da influência da

IE no DA. Mas, mesmo com esse crescente interesse, os resultados dos estudos realizados são, na melhor das hipóteses, inconsistentes. Pois, ou o número da amostra selecionada é pequeno, ou os métodos escolhidos para realização da pesquisa não eram adequados.

Existem várias formas de medir o desempenho acadêmico e vários fatores que influenciam o seu sucesso/insucesso, dentre esses fatores considerados está a Inteligência Emocional, como um possível influenciador do Rendimento Acadêmico (DE SOUSA, 2010). Roberts *et al.* (2002) complementam afirmando que pessoas que possuem um bom gerenciamento das emoções são aquelas que provavelmente obterão mais sucesso no mercado de trabalho, na qualidade de vida, e também no rendimento acadêmico.

Posta esta exposição acerca dos aspectos teóricos relativos à IE e sua relação com o desempenho acadêmico e profissional, a seção subsequente relata os resultados da pesquisa, consignado pela aplicação dos procedimentos metodológicos antes explanados.

4. Resultado e discussão

4.1. Perfil da amostra

Conforme ressaltado anteriormente, o público alvo da pesquisa foi estudantes dos cursos de Bacharelado e Tecnólogo, oferecidos por duas Instituições de Ensino Superior (IES) situadas na cidade de Salgueiro-PE, a Universidade de Pernambuco (UPE), ofertando os cursos de Administração e Logística, e a Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), ofertando o curso de Bacharelado em Direito.

Na Universidade de Pernambuco (UPE) o questionário foi aplicado a todas as turmas dos cursos ofertados, totalizando uma amostra de 160 questionários aplicados, dos quais 114 foram válidos.

Na FACHUSC - Faculdade de Ciências humanas do Sertão Central o questionário foi aplicado apenas em alguns períodos, por motivo de incompatibilidade de horário, totalizando uma amostra de 100 questionários aplicados, 50 válidos. A Tabela 1 detalha minuciosamente a amostra.

Tabela 1 - Detalhamento da Amostra (n = 164)

	Gênero	Idade*	Cidade	CRA*	Aprovação	Renda*	Horaest* (semanal)
UPE - Administração	M - 49 F - 57	21 anos (DP=5,76)	Salgueiro - 65 Outras cidades - 42	8,37	Aprovados - 79 Reprovados - 27	R\$ 1.070,11	6 horas

UPE - Logística	M - 4 F - 4	20 anos (DP=2,32)	Salgueiro - 8	8	Aprovados - 7 Reprovados - 1	R\$ 1.477,63	4 horas
FACHUSC - Direito	M - 18 F - 32	25 anos (DP=6,25)	Salgueiro - 39 Outras cidades - 11	7,96	Aprovados - 32 Reprovados - 18	R\$ 1.925,77	10 horas
Total da amostra	M - 71 F - 93	23 anos (DP=6,07)	Salgueiro - 112 Outras cidades - 53	8,23	Aprovados - 118 Reprovados - 46	R\$ 1.350,71	7 horas

(*) - Dados por média

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seleção dos participantes da pesquisa foi feita pelos seguintes critérios: a) serem alunos dos cursos de Administração, Logística e Direito; b) participação voluntária. A amostra foi composta por participantes de ambos os sexos, constituída por 27,24% dos alunos dos referidos cursos no momento de realização da pesquisa.

4.2. Análise das correlações entre os fatores da IE

Na análise das correlações dos fatores da IE, foi feita uma análise intercorrelacional para verificar a existência de correlações entre a IE e seus fatores, as cinco dimensões citadas são: autoencorajamentos, compreensão das próprias emoções, autocontrole perante as críticas, compreensão das emoções dos outros e autocontrole emocional. A Tabela 2 expõe os resultados da análise de correlações.

Foi utilizado o coeficiente de correlação de *Spearman*, conforme apresentado na Tabela 2, e verifica-se que a IE se relaciona de forma positiva e significativa com todos os fatores que a compõem, ao nível de significância 0,05, pelo menos.

Tabela 2 - Matriz de Intercorrelações entre os fatores de Inteligência Emocional (IE)

	IE	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
Inteligência Emocional	1,0000					
Fator 1 - Compreensão das próprias emoções	0,7660** 0,0000	1,0000				
Fator 2 - Compreensão das emoções dos outros	0,5844** 0,0000	0,3674** 0,0000	1,0000			
Fator 3 - Autocontrole perante críticas	0,1560** 0,0000	-0,1869* 0,0165	-0,1782* 0,0225	1,0000		
Fator 4 - Autoencorajamento	0,6898** 0,0000	0,5193** 0,0000	0,4547** 0,0000	- 0,0846 0,2812	1,0000	
Fator 5 - Autocontrole emocional	0,4974** 0,0000	0,3203** 0,0000	0,1851* 0,0177	-0,1614* 0,0390	0,3154** 0,0000	1,0000
Notas: ** Correlação significativa ao nível de 0,01; * Correlação significativa ao nível de 0,05						

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

De todos os fatores dispostos na Tabela 2, o que mais se destaca com uma correlação maior é o fator 1 - Compreensão das próprias emoções, com uma correlação forte de 0,766, (nível de significância de 0,0000, p-valor < 0,01). O segundo fator com maior contribuição foi o fator 4

- Autoencorajamento (0,6898, p-valor < 0,01), o terceiro foi o fator 2 - Compreensão das emoções dos outros (0,5844, p-valor < 0,01), o quarto fator, já com correlações mais fracas, foi o fator 5 – Autocontrole emocional (0,4974, p-valor < 0,01), e o quinto, também com correlação baixa foi o fator 3 - Autocontrole perante críticas (0,1560, p-valor < 0,01)

Em comparação aos resultados obtidos por Souza (2010), podemos dizer que todos os fatores possuem correlação superior à encontrada naquele trabalho, com exceção do fator 4 - Autoencorajamento que obteve índice de correlação de 0,6898, (p-valor < 0,01).

Ao nível de intercorrelações entre IE e seus fatores, verificou-se que o fator 1 - Compreensão das próprias emoções tem uma relação estatisticamente significativa com todos os outros fatores, sendo positiva com os fatores 2 - compreensão das emoções dos outros (0,3674, p-valor < 0,01), fator 4 – autoencorajamento (0,5193, p-valor < 0,01), e fator 5 – auto controle emocional (0,3203, p-valor < 0,01), e negativa, mas com correlação fraca, com o fator 3 – autocontrole perante críticas (-0,1869, p-valor < 0,05). Apesar de significante, a significância dessa correlação foi a 5%.

Verificou-se também que o fator 2 - compreensão das emoções dos outros tem relação estatisticamente significativa com todos os outros fatores. Sendo positiva com os fatores 4 - autoencorajamento (0,4547, p-valor < 0,01) e com o fator 5 – autocontrole emocional, mais baixa, (0,1851, p-valor < 0,05), e negativa com o fator 3 – autocontrole perante críticas (-0,1782, p-valor < 0,05). No caso desses dois último a significância deu-se a nível de 5%.

Verificou-se também que o fator 3 - autocontrole perante críticas obteve correlação negativa fraca com o fator 5 - autocontrole emocional (-0,1614, p-valor < 0,05), mais uma vez ao nível de 5%. Nota-se que apenas a correlação entre o fator 3 - autocontrole perante críticas não é significativa (-0,0846, p-valor = 0,2812). Verificou-se também que a relação entre os fatores 4 - autoencorajamento e o fator 5 - autocontrole emocional é estatisticamente significativa positiva (0,3154, p-valor < 0,01).

Os dados de correlação nos mostram que os fatores de IE, genericamente, obtiveram excelentes graus de correlação, tanto entre os fatores que compõem a IE, como com a própria IE global. Ou seja, estatisticamente os fatores encontrados possuem relação linear com a IE, com isso embasando estatisticamente a utilização dos cinco fatores citado por Sousa (2010).

4.3. Análise estatística descritiva relativa dos dados

Nesta seção será descrito a análise estatística descritiva dos dados. Começando pela análise estatística descritiva das dimensões de IE (Quadro 1), e seguindo para a análise estatística descritiva dos descritores do DA (Tabela 5).

Quadro 1 - Estatística descritiva geral dos 5 fatores da IE

Fatores	N°	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	Desvio-padrão
F1 - Compreensão das próprias emoções	164	1	7	5,12	5	1,39
F2 - Compreensão das emoções dos outros	164	1	7	5,27	5	0,13
F3 - Autocontrole perante críticas	164	1	7	3,54	4	1,49
F4 - Autoencorajamento	164	1	7	5,6	6	1,22
F5 - Autocontrole emocional	164	1	7	3,94	4	1,72

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Quadro 2 - Estatística descritiva para cada um dos fatores da IE

Fatores	Itens de formação dos fatores	N°	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	Desvio-padrão
Fator 1	Ie5	164	1	7	5,21	5	1,51
	Ie11	164	1	7	5,3	6	1,34
	Ie17	164	1	7	5,01	5	1,31
	Ie21	164	1	7	4,93	5	1,38
	Ie23	164	1	7	5,15	5	1,38
Fator 2	Ie6	164	1	7	5,71	6	1,11
	Ie12	164	1	7	5,01	5	1,35
	Ie18	164	1	7	5,09	5	1,29
Fator 3	Ie2	164	1	7	3,74	4	1,46
	Ie8	164	1	7	3,27	3	1,45
	Ie14	164	1	7	3,62	4	1,52
Fator 4	Ie4	164	1	7	5,73	6	1,20
	Ie10	164	1	7	5,60	6	1,21
	Ie16	164	2	7	5,46	5,5	1,25
Fator 5	Ie3	164	1	7	4,07	4	1,69
	Ie9	164	1	7	3,82	4	1,74

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Como se pode observar no Quadro 1, genericamente, as médias e medianas são aproximadamente iguais, com isso sugere uma distribuição relativamente simétrica. A estatística descritiva nos mostra um valor elevado dos fatores F4 (média = 5,6; dp = 1,22), F2 (média = 5,27; dp = 0,13) e F1 (média = 5,12; dp = 1,39). Ressalta-se, ainda, os valores dos

fatores F5 (média = 3,94; dp = 1,72) e F3 (média = 3,54; dp = 1,49) que obtiveram valores baixos.

De forma a compreender melhor os valores de cada fator são descritos no Quadro 2, cada um dos fatores e seus respectivos resultados. A estatística descritiva do fator F1 mostra valores elevados em todos os itens, com exceção do item ie21 (média = 4,93; dp = 1,38). A estatística descritiva do fator F2 mostra valores elevados em todos os itens, sendo o maior o item i6 (5,71; dp = 1,11), sucessivamente os itens ie18 (5,09; dp = 1,29) e ie12 (5,01; dp = 1,35).

Como pode-se observar, a estatística descritiva do fator F3 mostra valores baixos em todos os itens, sendo o maior o item ie2 (3,74; dp = 1,46), sucessivamente os itens ie14 (3,62; dp = 1,52) e ie12 (3,27; dp = 1,45).

A Tabela 3 apresenta a frequência dos itens que compõem o fator F3 para entender melhor a baixa na sua média. Verifica-se que no item ie2 um número significativo de respondentes (73%) afirma que ficam irritados quando são criticados. No item ie8 pode-se identificar que 82% dos respondentes pontuam sentir dificuldade em aceitar uma crítica, e no item ie14, 90% dos respondentes consideram que não lidam bem com as críticas que recebem.

Os dados obtidos demonstram que os participantes possuem níveis de autocontrole perante críticas e autocontrole emocional baixo, mesmo tendo, genericamente, altos índices em todos os outros fatores. Podemos deduzir que mesmo tendo altos índices de compreensão das emoções, próprias e dos outros, isso não é o bastante para também ter um alto índice de autocontrole emocional.

Tabela 3 Frequência dos itens do fator 3

ie2 - Fico irritado quando me criticam				ie8 - É difícil pra mim aceitar uma crítica				ie14 - Não lido bem com as críticas que me fazem			
	<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>% acum.</i>		<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>% acum.</i>		<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>% acum.</i>
1	10	6%	6%	1	14	9%	9%	1	10	6%	6%
2	24	15%	21%	2	44	27%	35%	2	40	24%	30%
3	35	21%	42%	3	37	23%	58%	3	24	15%	45%
4	51	31%	73%	4	39	24%	82%	4	41	25%	70%
5	25	15%	88%	5	16	10%	91%	5	32	20%	90%
6	12	7%	96%	6	10	6%	98%	6	12	7%	97%
7	7	4%	100%	7	4	2%	100%	7	5	3%	100%
Total	164	100%		total	164	100%		total	164	100%	
Notas: 1 - Afirmação não se aplica rigorosamente nada a mim 2 - Não se aplica 3 - Aplica-se muito 4 - Aplica-se alguma coisa 5 - Aplica-se bastante 6 - Aplica-se muito 7 - Afirmação aplica-se completamente a mim											

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Verificando a frequência na Tabela 4 dos itens desse fator para entender melhor a baixa na sua média, verifica-se que o item ie3 possui um número significativo de respondentes (57%) que afirmam que têm dificuldade em permanecer calmos, quando as outras pessoas estão zangadas. No item ie8 pode-se identificar que 65% dos respondentes consideram que sentem dificuldade em reagir com calma quando estão sob tensão. Afirmando assim que não possuem um nível alto de autocontrole emocional.

Tabela 4 - Frequência dos itens do fator 5 de IE

ie3 - Consigo permanecer calmo mesmo quando os outros ficam zangados				ie9 - Reajo com calma quando estou sob tensão			
	<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>%acum.</i>		<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>%acum.</i>
1	16	10%	10%	1	20	12%	12%
2	14	9%	18%	2	20	12%	24%
3	32	20%	38%	3	30	18%	43%
4	31	19%	57%	4	36	22%	65%
5	33	20%	77%	5	28	17%	82%
6	28	17%	94%	6	18	11%	93%
7	10	6%	100%	7	12	7%	100%
total	164	100%		total	164	100%	
Notas: 1 - Afirmação não se aplica rigorosamente nada a mim 2 - Não se aplica 3 - Aplica-se muito 4 - Aplica-se alguma coisa 5 - Aplica-se bastante 6 - Aplica-se muito 7 - Afirmação aplica-se completamente a mim							

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Analisando os descritores do DA, pode-se perceber na Tabela 5 que os fatores tratados de forma dicotômica (gênero, local onde reside, instituição que estuda etc.) não influenciam no CRA. A regressão foi realizada apenas com as variáveis CRA, idade, renda, horas semanais de estudo, se havia reprovado, sendo a primeira a variável dependente das demais, que são independentes. O modelo obtido é o abaixo ilustrado na tabela 6.

Tabela 5 - Estatística descritiva dos dados do perfil (fatores dicotômicos)

Variable	Nº	Média	Desv. Pad	Min	Max
idade	164	22,5	6,075698	17	64
cra	164	8,226768	0,5920215	7	9,45
renda	164	1350,708	1125,017	150	6000
horaest	164	7,332317	7,36812	0	40
reprov	164	0,4878049	1,006042	0	6
Nota: Cra - média geral Horaest - horas estudadas (semanal) Reprov - Reprovação					

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Tabela 6 - Estimativas dos parâmetros e teste de significância do modelo proposto

cra	Coef.	Std. Err.	t	P> t
curso	.4242434	.0847983	5.00	0.000
discip	-.3629343	.1820383	-1.99	0.048
reprov	-.2220063	.0416784	-5.33	0.000
horaest	.0179039	.0055358	3.23	0.001
_cons	8.272598	.1985709	41.66	0.000

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Dentre todos os modelos estimados para prever o CRA do estudante, envolvendo a IE, o que melhor se adequou foi o que exclui a variável IE: Todas as variáveis são significativas para explicar a variação do CRA ao nível de 0,01, com exceção da variável que questionava se cursa todas as disciplinas, que é significativa ao nível de 0,05. Esse modelo possui R^2 ajustado = 0,2978, ou seja, explica 29,78% da variação no CRA.

Testou-se a igualdade do CRA para diferentes grupos, e encontrou-se que o CRA médio dos homens é 0,04 inferior ao das mulheres. Porém, é um valor irrisório, por ser muito insignificante estatisticamente (p-valor = 0,695). Logo, não há diferença no rendimento acadêmico dos gêneros.

Analisou-se também a igualdade do CRA em relação ao curso dos participantes. Os estudantes do curso de Administração têm média do CRA superior em 0,39 pontos aos estudantes dos demais cursos (Logística e Direito) e essa diferença é significativa (p-valor = 0,000). Da mesma forma, os estudantes da UPE, em relação aos da FACHUSC, possuem média 0,37 pontos superiores aos estudantes da autarquia municipal.

5. Considerações finais

O principal resultado do estudo reforça a relação da capacidade da IE influenciar positivamente o DA. Considerando-se que o fato da análise correlacional entre IE e DA ter tido apoio estatístico, a relação observada entre as duas variáveis demonstra que ao crescimento do DA também é observado o crescimento da IE. Com isso supomos que a IE pode estar relacionada com as motivações intrínsecas dos estudantes, ou seja, quando os indivíduos buscam por si, recompensas internas.

Referente à variável gênero, não se obteve respaldo estatístico (correlação significativa) para que se possa afirmar que os homens têm índices de IE superiores às mulheres ou o contrário. No entanto, notou-se que indivíduos do sexo feminino têm maior valor associado aos fatores referentes à compreensão das emoções dos outros, autocontrole perante críticas e

autoencorajamento. Os homens tiveram evidenciado maior compreensão das próprias emoções, o que pode justificar a sua maior capacidade de autocontrole emocional.

Em relação à hipótese referente à relação entre IE e o curso dos estudantes, não foi confirmado relação estatística significativa. Mesmo não obtendo relação significativa, os dados descritivos obtidos mostram que em relação ao índice global de IE, o curso de Direito é superior aos outros dois, seguido do curso de Logística e por último o curso de Administração, mesmo sendo valores irrisórios de diferença.

Vale salientar também os fatores que cada um obteve melhor nota. Os estudantes de Administração não obtiveram nota maior em nenhum dos cinco fatores, sendo assim a necessidade de ser trabalhado mais a IE nesses estudantes, os estudantes do curso de Logística obtiveram índices superiores apenas nos fatores 1 e 5, ou seja possuem um alto grau de compreensão das emoções e autocontrole emocional e os estudantes Direito obtiveram índices superiores na maioria dos fatores, esses 2, 3 e 4, ou seja estes possuem habilidades para compreender as emoções dos outros, para ter autocontrole perante críticas e autoencorajamento. O curso de Administração não obteve índice superior em nenhum fator, esse fato pode ser justificado pela quantidade superior de respondentes, ou até mesmo pelo não exercício da IE no curso.

Outro fato considerável é que para cada percentual de cumprimento dos semestres do curso há um aumento no índice de IE. E para cada reprovação adquirida pelo discente há um aumento no valor da IE. Isso pode denotar que estudantes que já passaram por experiência de reprovação obtiveram maior “maturidade”.

Esses fatos levam a concluir que a formação acadêmica influencia no índice de IE, preparando bem, ou não, para compreensão das emoções próprias e dos outros, como também pela capacidade de percepção, compreensão, e usualidade das próprias emoções, na facilitação do pensamento e no bom gerenciamento pessoal e nas relações sociais.

Para estudos futuros recomenda-se analisar outras variáveis como quociente de inteligência (QI), frequência às aulas, grau de satisfação com o curso, a instituição, os professores, métodos de ensino e aprendizagem, ocupação profissional e outros fatores que se relacionem com o rendimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria João. Paradigmas diferencial e sistémico de investigação da inteligência humana. Perspectivas do lugar e o sentido do construto. 2007. Tese de doutorado-Universidade de Lisboa, 2007.

DE SOUSA, Ana Botelho. DIAS, José Henrique. Inteligência Emocional e Rendimento Acadêmico em Estudantes do Ensino Superior. Artigo incorporado à dissertação do 2º Ciclo em Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional (ISMT), 2011.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ªEd, 8. Reimpr. São Paul-SP: Editora Atlas. 2006
GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente, 1995. Tradução Marcos Santana. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, 2011.

GONZAGA, Alessandra Rodrigues. MONTEIRO, Janine Kieling. Inteligência Emocional no Brasil: Um Panorama da Pesquisa Científica. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

REGO. Arménio. FERNANDES, Cláudia. Inteligência Emocional: Contributos Adicionais para a Validação de um Instrumento de Medida. POCTI/CED/40265/2001 – Comportamentos de Cidadania Docente de Professores Universitários. 2001.

SALOVEY, P. & MAYER, J. D. Emotional Intelligence Imagination, Cognition and Personality. 9, 185-211, 1990.

SILVA et. al. A Inteligência Emocional na Liderança e Sua Relação com a Melhoria da Comunicação Interpessoal nas Organizações: Estado do Conhecimento no Seget, 2014

THORNDIKE, E. L. A nova metodologia da Aritmética. Trad. Anadyr Coelho, Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1936.

WOYCIEKOSK, Carla. HUTZ, Claudio Simon. Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Scielo, 2008.